

O BEM E O MAL EM SANTO AGOSTINHO NA OBRA A NATUREZA DO BEM

THE GOOD AND EVIL IN SAINT AUGUSTINE IN THE WORK "THE NATURE OF GOOD"

Rhandeo Rigo Chagas¹

José Pedro Luchi²

RESUMO: O presente artigo quer apresentar por meio de uma pesquisa bibliográfica, a contraposição do pensamento de Agostinho à doutrina maniqueísta, focando sobre tudo na obra *A natureza do Bem* e além de outros escritos. O bispo de Hipona cria uma nova explicação para o Bem e o Mal, desbaratando a filosofia dos maniqueístas, sob influência neoplatônica. Serão considerados aspectos relevantes da filosofia de Agostinho como o mal enquanto privação do bem, o bem como Beleza e Unidade, compatibilizando a admissão do mal com a afirmação cristã de um único Deus criador, que é bom.

Palavras-chave: Agostinho; Maniqueísmo; Filosofia; Bem e Mal.

ABSTRACT *This article presents the counterposing of Augustine's thought to the Manichaeism doctrine. The methodology used was bibliographical research, focusing mainly on the work "The Nature of Good" and other writings. The results show that the bishop of Hippo creates a new explanation for Good and Evil, destroying the philosophy of the Manichaeans, under Neoplatonic influence. Furthermore, relevant aspects of Augustine's philosophy are considered, such as evil as a deprivation of good, good as Beauty and Unity, thus making the admission of evil compatible with the Christian affirmation of a single creator God, who is good.*

Keywords: *Augustine; Manichaeism; Philosophy; Good and Evil.*

1 INTRODUÇÃO

A partir deste projeto, busca-se compreender o bem na obra "A natureza do bem", escrita por Santo Agostinho, nos primeiros séculos do cristianismo, em um contexto no qual a filosofia maniqueísta dividia o mundo de forma dualista entre o bem e o mal. A partir disso, o problema de pesquisa a ser desenvolvido expressa-se através da seguinte pergunta: Qual a concepção de Bem defendida por Santo Agostinho na controvérsia com o maniqueísmo?

O maniqueísmo é uma forma religiosa de pensar, fundada por um persa chamado

¹ Graduando do Curso de Filosofia Bacharelado do Centro Universitário Salesiano (UNISALES). E-mail: rhandeo@hotmail.com.

² Graduado em Matemática pela Universidade Estadual de Montes Claros (1979), graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1985), mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (1989) e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (1999). Professor do Centro Universitário Salesiano de Vitória (UNISALES). E-mail: luchi-jp@hotmail.com.

Mani. Este, influenciado pelo zoroastrismo, que defendia uma luta entre a ordem e o caos, criou a filosofia maniqueísta inspirado em uma suposta experiência mística que viveu, na qual um anjo lhe teria visitado e o convocado a criar uma religião, esta teria como base primordial um dualismo radical, dividindo o mundo entre bem e mal e entre luzes e trevas, dois deuses respectivos.

Em oposição a tal corrente filosófica surge o pensamento de Santo Agostinho, Bispo da Igreja Católica. Outrora, Agostinho havia sido adepto ao maniqueísmo, mas ao identificar as incoerências desse pensamento, “acorda da sua ignorância”, e passa a defender uma ideia totalmente oposta à apresentada por Mani. Ele traz a concepção de Deus como Bem Supremo, e demonstra que todos os bens particulares derivam Dele. Neste contexto, o mal seria simplesmente a corrupção daquilo que é o bem, isto é, a degradação do bem, em sua ordem natural, forma ou medida.

Agostinho, portanto, refuta com veemência os maniqueístas, que declarava de maneira simplista uma ideia de divisão dual do mundo. A missão de Bispo Católico não foi fácil, devido ao maniqueísmo ter se disseminado pelo Império Romano e por todo o Ocidente cristão, mas através de sua obra *A natureza do bem* trouxe lucidez, verdade e ortodoxia refutando com sólidos argumentos o pensamento dos maniqueus.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A DOCTRINA MANIQUEÍSTA

O maniqueísmo foi uma antiga religião, fundada no século terceiro depois de Cristo, tendo como fundador Mani, influenciada pelo zoroastrismo, esta doutrina tem como ênfase uma luta cósmica entre o bem e o mal, que constituía dois princípios eternos e opostos: luz e trevas.

2.1.1 Zoroastrismo

O zoroastrismo é uma das mais antigas religiões monoteístas que se é conhecida, tendo como berço a antiga Pérsia, hoje região do Irã. Surgida por volta do século sexto antes de Cristo, tem como primícias os ensinamentos e fundamentos de Zoroastro. Esta religião teve grande importância para o desenvolvimento cultural persa, além de influenciar em outras tradições, povos e religiões. Zoroastro apresentou a ideia do dualismo cósmico que consiste em dois princípios opostos e eternos, sendo um direcionado por uma fonte do bem, chamado Ahura Mazda, e outro direcionado por uma fonte do mal, chamado Angra Mainyu, identificando o bem como luz e ordem e o mal como escuridão e caos. Nesta dualidade cósmica, há um combate entre o bem e o mal. Neste contexto, Ahura aparece como paladino da ordem, e luta contra as investidas de Angra contra o bem. Diante dessa realidade, os adeptos da religião deveriam ter como virtude evitar o mal e fazer uma análise constante entre o que é digno do mal e o que é digno do bem. O homem, para o zoroastrismo, deve se compreender como partícipe desta batalha, tendo o poder de escolha, para qual lado cederá. Por isso, se torna de suma importância, para esta corrente, as decisões individuais. Por fim, percebe-se como a forma de pensar dualista é de suma importância para esta doutrina, e como o sujeito é artífice e partícipe deste confronto, podendo escolher entre o bem e o mal. Todavia, na escatologia de Zoroastro este confronto um dia terminaria, pois haveria um fim no qual o bem e os bons triunfariam. É nessa perspectiva dualista que há um entrelaçamento da doutrina de Zoroastro com a de Mani. (PIZZINGA, 2015).

2.1.2 A seita maniqueísta

A seita maniqueísta, foi um grupo religioso fundada no século terceiro depois de Cristo por Mani que era persa, nascido mais precisamente na babilônia, no ano de 216, e tendo consolidado sua fama como mestre e compilador religioso, que proporcionou a ele um considerável período de atividade, interrompido por sua prisão quando tinha por volta de 59 anos. (CARVALHO,1992)

Devido as suas origens orientais, Mani possuía uma aproximação mais tendenciosa as teosofias do oriente do que com os gregos, inclusive sempre teve a cabeça aberta para as fantasias e imaginações. Devido a tal influência sua doutrina vai beber da ideia de Zoroastro, naquilo que tange a dualidade cósmica, pois Mani acreditava em um extremo dualismo cósmico que mais que moral também era ontológico e cósmico. (REALE,2017)

Este grupo, fundado por Mani, possuía um modo de viver peculiar, tendo suas próprias regras e jeito de ser. Por tratar-se de um grupo seleta, havia entre eles uma certo mistério e irmandade, sendo até mencionados como uma seita de reputação sinistra.

[...]Os maniqueus eram uma pequena seita de reputação sinistra. Eram ilegais e, mais tarde, seriam selvagemmente perseguidos. Tinham a aura de uma sociedade secreta: nas cidades estrangeiras, só se hospedavam na casa de membros de sua própria seita; seus líderes viajavam por uma rede de "células" espalhadas por todo o mundo romano. Os pagãos viam-nos com horror, os cristãos ortodoxos, com temor e ódio. Eles eram os "bolcheviques" do século IV: uma "quinta-coluna" de origem estrangeira, determinada a se infiltrar na Igreja cristã e portadora de uma solução singularmente radical para os problemas religiosos da época (BROWN,2005, p.57)

Dentro da seita havia uma estrutura chamada hierarquia espiritual, que consistia em alguns que eram chamados de eleitos, os quais possuíam uma vida mais radical e ascética, ou seja, seguidores ferrenhos dos preceitos maniqueístas. O outro grupo era os chamados ouvintes que não seguiam de forma tão próxima e intensa as práticas ascéticas, mas eram considerados membros. As práticas ascéticas eram de suma importância para romper com as trevas, ou seja, o mal, e estas consistiam em abdicar de certos alimentos, algumas espécies de jejum, a renúncia em certa medida de práticas sexuais e o combate a alguns prazeres mundanos. (BROWN,2005)

A seita maniqueísta tinha seus rituais próprios, que iam de leituras específicas, chamadas sagradas, como exemplo os cânticos de Mani, as práticas de purificação e de apoio na luta contra as persuasões das trevas. Todo esse ritual tinha como fim último o alcance do reino do bem, ou seja, ir transcendendo ao ciclo das reencarnações, para galgar a luz, desta maneira, os ritos ajudariam na purificação da alma. Dentro da seita havia as chamadas escrituras maniqueias ou cânon oficial do maniqueísmo, um livro supostamente deixado pelo próprio Mani. O fundador do maniqueísmo, tinha medo das futuras interpretações que seus seguidores viriam a ter de seus ensinamentos, por isso deixou seus escritos. Segundo ele, um dos males das outras religiões seria justamente a falta de escritos de seus fundadores, como exemplo, o próprio cristianismo que teve as falas de Cristo escritas pelos seus discípulos, e não pelo próprio Jesus, gerando problemas de interpretações. Deste modo, temos a expressão "religião do livro", pois através de um livro, Mani tentou levar a universalidade para sua religião (SILVA,2016)

Toda essa estrutura religiosa não se sustentou ao longo do tempo, sofreu perseguições e acabou se fragmentando em várias outras seitas menores. Assim,

pouco a pouco, foram desaparecendo até sobrar meras frações e registros históricos.

2.1.3 Doutrina maniqueísta

A doutrina maniqueísta, tinha como norte o seu fundador Mani, que também era conhecido como apóstolo de Jesus Cristo, que além de sofrer influência do zoroastrismo e cristianismo, alegava ter tido no ano de 276, enquanto estava na Mesopotâmia uma revelação. Desta mensagem inspirada derivou escritos que para a seita eram sagrados inclusive eram lidos em suas reuniões levando seus membros a chamada iluminação, tendo como principal vertente a separação ontológica de bem e mal, tendo como defesa a ideia de que Deus sendo bom, seria repugnante pensar que o mal poderia surgir e derivar dele. Este princípio primeiro do chamado catecismo maniqueísta. Compreender este primeiro princípio que é a distinção dos dois princípios, bem e mal, era de suma importância e primordial, pois quem não compreendesse estes dois princípios como naturezas absolutamente distintas não conseguiria seguir e praticar o resto da doutrina. (BROWN,2005)

Neste contexto, os maniqueístas desenvolveram uma dinâmica que consiste na batalha entre os dois reinos: o das trevas e o da luz. E para fundamentá-la construíram uma narrativa elaborada, na qual acreditavam que esses dois reinos viviam separados e paralelos, sendo que o reino das trevas, ou seja, o reino mal, vivia de forma desordenada e disforme, ocorrendo dentro dele uma batalha interna. Todavia, de repente, ele se depara com o reino da luz, desta maneira, aquilo que outrora estava dividido agora se vê unido para enfrentar o reino da luz.

[...] Os dois princípios viviam totalmente separados um do outro, sem ter nenhum contato e nenhuma dependência. O princípio da Luz, também chamado de Deus ou Pai da Grandeza, habitava em um lugar, e o princípio tenebroso, também chamado de Demônio, habitava em outro. (BATAGLION,2018, p. 23)

Embora em um primeiro momento pode-se acreditar que neste eterno conflito, há certa equidade de empenho na batalha, em um segundo momento, percebe-se que não, pois Mani coloca o bem como passivo e que simplesmente busca se defender das investidas do reino das trevas.

Para o maniqueísta, o universo existente, no qual bem e mal se mesclavam de maneira tão desastrosa, brotara de uma invasão frontal do bem - o "Reino da Luz" - pelo mal o "Reino das Trevas". Esse "Reino da Luz" estivera em absoluto repouso, totalmente ignorante de qualquer tensão entre o bem e o mal. Tão separado do mal era o "governante" do "Reino", o "Pai da Luz", que se via indefeso contra ele: não podia sequer entrar em confronto com os invasores sem sofrer uma transformação drástica e tardia de seu ser. (BROWN, 2005, p. 63)

É válido dizer que os reinos possuem suas próprias características, pois atuam de forma independente e sem nenhum reino ter sido gerado a partir do outro. As trevas têm como característica uma certa inconstância e irregularidade, por isso estão ligadas a matéria que se corrompe e se modifica, se assemelhando assim ao fogo (mas não o fogo igual ao reino da luz, pois aquele é escuro e devorador), a fumaça, ao vento, a água e as trevas, ou seja, as trevas estão relacionadas com prefigurações do que não tem forma e do que fere a ordem. Já a luz seria a ideia de Deus, e estaria dividida em cinco conceitos: ar, luz, água, intenção e razão, que representam respectivamente intelecto, pensamento, discernimento, intenção e razão. (BATAGLION, 2018)

O conflito entre os reinos, que como dito antes, estavam separados e agora encontram-se em um eterno conflito afetam a humanidade que não fica ausente das consequências derivadas desta colisão, mais pelo contrário, é participante ativa, e que necessita remediar este confronto, extinguindo aquilo que é referente às trevas, isto é mal, que está associado a matéria e o corpo.

Sendo assim, a humanidade fica imersa em tal embate, no qual ocorre este conflito permanente entre as forças opostas, trevas e luz. Desta forma é sugerido ao homem um crescimento e aperfeiçoamento espiritual, visando estimular as virtudes da bondade, para que assim possa superar os domínios negativos e aquilo que é imperfeito. Tudo isso tem como meta o alcance ao reino da Luz que simboliza aquilo que se refere ao estado de espírito puro, virtuoso e próximo de Deus, sendo claramente o oposto do reino das trevas que é impureza, maldade e distanciamento de Deus. Por isso, dizer que o homem deve entregar-se ao eterno combate é justamente legitimar que o homem é responsável individualmente de ser participe do esforço contínuo, trilhando sua caminhada na luta externa, mas também interna, vencendo o que é sombrio de sua natureza. (LIMA, 2017)

Por fim, é válido dizer que a alma humana é originalmente do reino da luz, mas acabou decaindo no reino das trevas, ficando presa no apego à matéria e ao ciclo das reencarnações.

2.2 A INQUIETAÇÃO DE AGOSTINHO

Antes de fato começar a falar das inquietações de Agostinho de Hipona, faz-se necessário breve biografia deste filósofo, até mesmo para compreender nuances de sua filosofia e decisões em sua trajetória.

Aurélius Agostinho, foi um filósofo e bispo católico, que nasceu em 354, na África em uma pequena cidade chamada Numídia em Tagaste, que atualmente é a região da Argélia, tinha como pais, Patricio e Monica, opostos em relação a religião, pois enquanto seu pai, um proprietário de terra, era pagão, sua mãe Monica era uma mulher fervorosa em relação a sua fé cristã. Dentro desta realidade, Agostinho aproveitou os estudos de Tagaste e de lugares vizinhos, até que chegou um momento em que com a ajuda de terceiros e de seu pai foi para Cartago para dar continuidade aos seus estudos principalmente na área da retórica, tendo sua formação em latim e tendo por muito tempo Cícero como inspiração. Passou parte da sua vida como adepto do maniqueísmo, até que depois de um encontro com Ambrósio e outras influências, converteu-se ao cristianismo, a ponto de ser ordenado sacerdote no ano de 391, pelo bispo Valério, quando já tinha retornado a região de Tagaste, tendo como função ajudar o bispo na pregação e na fundação de um mosteiro, bem como no acolhimento dos adeptos. No ano de 395 foi ordenado bispo, e logo depois, virou bispo titular de Hipona, após Valério morrer. Durante este período escreveu suas principais obras e combateu cismáticos e aqueles que ele chamava de hereges. Lá viveu até sua morte em 430 depois de Cristo, durante um período complicado de invasão de vândalos. (REALE, 2017)

2.2.1 Início de Agostinho nos maniqueístas

Após períodos de estudos Agostinho começa a exercer sua função como orador, privilegiando a área de professor, primeiramente em Tagaste e depois em Cartago, pois em sua época os oradores tinham perdido força na área da política e civil, por isso tinha partido para área do ensino. (REALE, 2017)

Durante o período em Cartago, Agostinho teve o primeiro contato com os

maniqueístas que haviam ido em missão aquela região, para levar a mensagem de Mani. Eles conseguiram em certa medida cumprirem o propósito, tendo conquistados vários admiradores e ouvintes que ficaram encantados por aqueles que se autodenominavam eleitos. Entres aqueles que se sentiram persuadidos, estava Agostinho, que ainda vivia sua juventude, tendo apenas 20 anos, e foi convencido pela promessa de uma verdade franca e sem mistura. Embora esta verdade seja reconhecida mais tarde por Agostinho como um engano, usando até da frase que esta verdade seria como saciar-se de comida em um sonho, serviu para ele naquele momento como uma tentativa de conseguir respostas de suas inquietações. (BROWN, 2005)

Desta maneira, o jovem Agostinho, deixou sua carreira na advocacia e professor para seguir de mais perto a seita maniqueísta, na esperança de achar a tal verdade oferecida naquele momento de sua vida pelos maniqueístas.

Agostinho, o jovem maniqueísta, era um rapaz de grande sagacidade. Sua conversão ao maniqueísmo coincidiu com um alargamento repentino e dramático de seus horizontes intelectuais. Em decorrência de sua "conversão à filosofia", ele havia abandonado qualquer intenção de se tornar advogado profissional. Patrício e o protetor de Agostinho, Romaniano, haviam claramente almejado grandes conquistas para o rapaz: pretendiam que, na condição de advogado, ele se integrasse no quadro de servidores do império. (BROWN, 2005, p.59)

Neste contexto, percebe-se como esta conversão a filosofia, fez Agostinho aproximar-se da doutrina maniqueísta, se vendo envolvido nas discussões filosóficas e teológicas do movimento maniqueísta, o que estimulou seu interesse pelo pensamento abstrato e o levou a questionar questões fundamentais sobre a natureza do bem e do mal, bem como a natureza da alma humana.

Agostinho era um jovem bem inteligente, tanto que aprendeu as dez categorias de Aristóteles sozinho, e com o ingresso nos maniqueístas, agora também se via mais espiritual e austero, pois diante do novo modo de vida escolhido teria que comportar-se como aqueles que eram reconhecidos como rostos pálidos ou ainda pessimistas, que buscavam na luta entre o bem e mal, superar através de seus atos corporais o mal da matéria e elevar assim o bem que era a alma, e aqui começava a grande luta de Agostinho que é controlar aquilo que para ele sempre foi uma luta que sua ambição e seus desejos carnis, e ter que ver aquilo que outrora era motivo de satisfação, virar um motivo de condenação. Dentro desta realidade, Agostinho começou a entrar mais fundo dentro da seita maniqueísta, participando agora ativamente das discussões e debates, e tendo seus estudos aprofundados até chegar naquilo que podemos chamar de inquietações e dúvidas em relação à doutrina apresentada pelos maniqueístas. (Brown, 2005)

2.2.2 Inquietações

Ao passar do tempo Agostinho começou a sentir certas inquietações, ao perceber que a doutrina maniqueísta estava ficando limitada e rasa. Diante dos seus estudos pessoais novos horizontes vieram a surgir e que lhe deixava cada vez mais claro que a cosmologia dos maniqueístas era insatisfatória, fazendo pouco a pouco que se afastasse e buscasse outras fontes. Mas, claro, ele não desacreditou de forma rápida, primeiramente tentou conversar com Fausto, um bispo Maniqueu e grande autoridade dentro da seita, que diante das interrogações, admitiu com sinceridade que não poderia solucionar tais dúvidas. As principais dúvidas apresentadas a Fausto era sobre a origem do mal, a natureza da alma, o dualismo material, livre-arbitrio e

alguns indagações sobre as escrituras. (REALE, 2017)

Após passar por volta de nove anos no maniqueísmo, Agostinho percebe que eles fracassaram naquilo que tinham prometido, uma verdade, e que suas ideias sobre o mal, não eram coerentes. Tal frustração o fez flertar com os acadêmicos céticos, que motivavam o homem a duvidar de todas as coisas, pois qualquer conhecimento seria incerto.

Acudira-me de fato a ideia de que os mais esclarecidos entre os filósofos eram os chamados Acadêmicos, quando afirmavam ser preciso duvidar de tudo, e que o homem nada pode compreender da verdade. Eu conhecia o pensamento deles, pelo que lhes eram comumente atribuídos, pois não compreendia ainda seus reais propósitos. (AGOSTINHO, 1997, p. 133)

Por mais que houvesse um breve encantamento, isso não foi suficiente para aderir a este grupo pois embora fosse tentador, Agostinho ainda carregava primícias que para ele eram legítimas. Estas primícias eram ainda resquícios do maniqueísmo, e as partes que considerava verdadeiras daquela doutrina que era o que se referia a ideia do materialismo que para ele era uma visão correta da realidade e o que tange o dualismo, pois diante de suas brigas internas, esta ideia era uma forma de justificativa para explicar seus conflitos. E diante de tudo isso, ele teve, com ajuda dos maniqueístas, a oportunidade de ir para Milão. Chegando lá se depara com um bispo que mudaria sua perspectiva de vida, este bispo era Ambrósio. (REALE, 2017)

Eu ainda não pedia em gemidos que viesses em meu auxílio, mas estava cheio de ardor em tua busca, ávido de discussão. Considerava o próprio Ambrósio um homem realizado segundo o espírito do mundo, homenageado pelos poderosos; somente seu celibato parecia-me duro de suportar. (AGOSTINHO, 1997, p. 146)

Agostinho foi tendo encontros com Ambrósio, mas claro que em um primeiro momento ele não estava interessado no que se referia a religião, mas sim pelas questões meramente intelectuais e por ter percebido em Ambrósio um grande orador. Nestes encontros era estimulado a estudar os neoplatônicos, que o fazem entender a realidade imaterial, bem como a não realidade do mal. E pautado em Plotino e Porfírio, começou a enxergar o mal como uma mera privação do bem, e não mais como algo ontologicamente diferente. (REALE, 2017)

Neste momento, Plotino teve uma influência importantíssima para Agostinho, pois o levava a compreensão de uma forma nova de olhar o mundo, o fazendo começar a desenvolver aquilo que seria de fato a sua concepção da origem do mal, bem como do que é o bem.

Plotino mudou o modo de pensar de Agostinho, oferecendo-lhe as novas categorias que romperam os esquemas do seu materialismo e da sua concepção maniqueísta da realidade substancial do mal, e todo o universo eo homem lhe apareceram em nova luz. (REALE, 2017, p.450)

Percebe-se como teve uma virada de chave no pensamento de Agostinho devido ao contato com Plotino que muda o seu jeito de pensar, principalmente no que tange a ideia da realidade substancial do mal, que antes havia adotado por influência dos maniqueístas.

Como já mencionando anteriormente, Agostinho após ter entrado em contato com os maniqueístas aderiu uma ideia do mal como sendo ontologicamente diferente do bem,

mas depois com as influências neoplatônicas, principalmente de Plotino, um renomado filósofo, que gozou de prestígio, a ponto de receber em suas palestras poderosos homens, viveu no século terceiro, e apresentou a Agostinho a possibilidade de enxergar o mal, como uma mera privação do bem. (REALE,2017)

Deste modo é importante compreender alguns conceitos da processão plotiniana, principalmente naquilo que tange a tríade plotiniana. Primeiramente é necessário a compreensão da concepção do Uno, que é o ato puro, e a potência ativa que abrange todas as formas dentro do domínio da alteridade. Ele é ao mesmo tempo, fonte e objetivo último de todos os seres, dando vida a todos eles. No entanto, é uma entidade que desafia a categorização com os conceitos tradicionais. Não podemos aplicar nenhum dos conceitos que conhecemos a ele. O conhecimento do Uno é essencialmente relativo. A sua existência torna-se evidente devido à presença do múltiplo. Enquanto o Uno existe, o múltiplo também existe, e a relação entre eles é fundamental. Pois o Uno não tem limites e ainda é a causa principal de toda limitação no mundo, tendo assim uma dupla atividade. Primeiramente, há a atividade interna que define o próprio ser do Uno, tornando o que ele é. Em seguida, há a atividade dinâmica geradora que resulta na processão da alteridade e da multiplicidade. Essa dualidade é crucial para a compreensão da relação entre o Uno e o mundo múltiplo que emerge dele.

Em primeiro lugar, está o Uno, a forma mais rica (ato puro), a potência ativa de. Todas as formas na esfera da alteridade. É fonte e fim último de todos os entes e a todos anima. Ao Uno não podemos aplicar nenhum dos conceitos a nós conhecidos. Dele apenas se tem conhecimento apofático. A sua existência é evidente, porque, existindo o múltiplo, necessariamente existe o Uno. Ele é ilimitado e causa total de toda limitação. Distingue-se nele dupla atividade: a interna, que faz o Uno ser o que é, e a dynamis geradora da qual resulta a alteridade ou a multiplicidade. (ULLMANN, 1995, p.162)

Do Uno, surge a Inteligência (Naus), considerada a imagem eterna e infinita do Uno. No entanto, a Inteligência não compartilha a unidade perfeita do Uno, pois nela existem dois momentos distintos e eternos. Que se refere a Inteligência como aquela que contempla o Uno, a fonte de toda a existência e ela que contempla a si mesma, também desde toda a eternidade. Esse aspecto de contemplante e o contemplado reflete como é complexa a sua natureza.

Do Uno procede a Inteligência (Lógos ou Nous), a qual é a imagem eterna e infinita do Uno. Ela não tem a unidade perfeita deste, pois na Inteligência há dois momentos distinguíveis: de uma parte, contempla o Uno e, de outra parte, contempla a si mesma, desde toda a eternidade. O Nous é cognoscente e conhecido, contemplante e contemplado. Como Inteligência e inteligível, súpula de todas as idéias (kósmos noetós), vê a si mesma como relação e como múltipla. Dessarte, ela é hén kai pollá. (ULLMANN, 1995, p.162)

Do Nous emana a alma do mundo, que está ligada a todas as almas individuais dos seres humanos. A alma tem como anseio buscar se unir ao Uno, para assim alcançar a transcendência e liberta-se dos limites do mundo material. Este caminho seria uma aspiração de regressar a sua origem divina.

Em outras palavras, a Alma universal não está no mundo, mas este está naquela. Nela, estão todas as matrizes de todos os seres; portanto, ela é como que uma coincidência dos opostos. As razões seminais constituem o princípio da diversidade e da variedade dos seres singulares. Dela procedem as almas e todas as formas dos seres sensíveis, desde a

planta até o homem, tudo constituindo uma admirável harmonia e beleza. A função da Alma universal é produzir, ordenar e governar o mundo sensível. Se ficamos embevecidos com a harmonia no mundo, é porque esta tem sua causa na Inteligência. À maneira dos estóicos, Platino professa que tudo forma uma *sympátheia tón hólon*. (ULLMANN, 1995, p.163)

O mundo sensível para Plotino é composto pelas almas sensitiva e universal juntamente com a matéria, sendo a alma universal, sendo este fator importante para a filosofia de Plotino. Neste contexto a matéria seria vista como o princípio mal devido a sua limitação e imperfeição, mesmo ele a considerando eterna, isso se dá pelo fato pela matéria ser considerada o ultimo estagio da prosequção, mas isso não a torna inerentemente má.

Por último, temos a matéria, que é eterna, representando a limitação e a imperfeição e constituindo o princípio do mal. Ela é como que o horizonte mais longínquo em que a luz irradiadora do Uno se confunde com o lusco-fusco. Para Plotino, princípio do mal não tem, em absoluto, o sentido gnóstico-maniqueísta. Significa, simplesmente, que a matéria representa a última possibilidade de algo existir. Para além dos limites dela, não há mais processão nenhuma. (ULLMANN, 1995, p.164)

Através dessas ideias neoplatônicas Agostinho responder e superar muitas questões maniqueístas e desenvolver uma síntese entre a filosofia neoplatônica e as ideias cristãs.

3 METODOLOGIA

A pesquisa a ser realizada neste presente trabalho consiste em pesquisa bibliográfica dos autores em questão, em virtude da própria natureza do problema de pesquisa, que trata de um problema teórico histórico na filosofia, a saber: o bem em santo Agostinho em refutação ao maniqueísmo.

Em consonância com a proposta de pesquisa, realizar-se-á uma investigação sobre os aspectos e conceitos fundamentais do pensamento de Agostinho, sobretudo, naquilo que tange a visão sobre o Bem, vinda da contraposição com os maniqueístas. Isso será feito pela análise de seus próprios textos – principalmente “A natureza do bem” – nos quais delinea os principais aspectos de sua concepção de Bem. Além disso, para bem esclarecer seu pensamento, tomar-se-á também o comentário desse pensamento e seus desdobramentos realizado por alguns de seus comentadores e artigos.

Em seguida, discorrer-se-á sobre o Bem em Santo Agostinho, mediante a exposição do seu texto mais conhecido: *A natureza do Bem*. Associado a esse texto, que é derivado da refutação de Agostinho aos maniqueístas, também será levado em consideração outros textos que trataram da questão do bem e da definição do mal. Outrossim, para elucidar bem essa questão, também será usado as Confissões, introduções a Santo Agostinho, bem como o artigo já mencionado anteriormente, O mal como privação do Bem, que retrata sobre o assunto.

Por fim, buscar-se-á uma contraposição das duas doutrinas previamente expostas por intermédio; a saber: O bem em Santo Agostinho e a doutrina maniqueísta, desta maneira, apresentar-se-á o resultado dos conflitos de Agostinho, que depois de ter sido maniqueísta, refuta tais ideias e traz novo conceito de bem e mal.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 INTRODUÇÃO DA OBRA *A NATUREZA DO BEM*

Diante de sua experiência maniqueísta e seu contato com o cristianismo, Agostinho elabora um conceito de bem, e é válido lembrar que ele já exercia o seu ministério na igreja católica na qual elabora a obra *A natureza do bem* como vai dizer Heres Drian ao falar sobre a obra.

Quando Agostinho escreve o breve tratado de *natura boni* - doravante, já contava cerca de dez anos de ministério e de embates com os maniqueus, seita de que fizera parte. Atraído, em meio a outros fatores, por sua propaganda de verdade e racionalidade a sua abordagem da questão do mal. (AGOSTINHO, 2019, p.10)

Não sabe-se ao certo quando Agostinho escreveu a obra *A natureza do bem*, mas estudiosos acreditam que foi por volta de 400 depois de Cristo, no sexto ano do consulado de Honório Augusto e sendo a última obra de Agostinho contra os maniqueístas.

4.2 O MAL COMO PRIVAÇÃO DO BEM.

4.2.1 O mal em Agostinho

Agostinho sofreu forte influência de Plotino em seu desenvolvendo sobre o que é o mal, que é algo importante para melhor compreensão do Bem. É necessário analisarmos o que ele diz sobre o mal no qual ele vai apresentar a ideia do mal como ausência do bem, ou seja, o mal é a corrupção daquilo que originalmente era bom, neste contexto ele vai dividir o mal em três modos o mal moral, moral físico e mal metafísico, desta maneira ele inicia dizendo:

Por isso, quando se pergunta de onde vem o mal, deve-se perguntar antes o que é o mal: o mal não é outra coisa senão a corrupção do modo, da beleza ou da ordem natural, Denomina-se, pois, natureza má aquela que está corrompida, porque a que não está corrompida é boa. Mesmo assim, na qualidade de natureza ela é boa; por ser corrompida ela é má. (AGOSTINHO, 2019, p.24)

Para melhor exemplificar debruçamos sobre o mal moral, que seria aquele que surge do livre-arbítrio, ou seja, aquele que surge da má escolha e desordem daquilo que era bom como vai dizer o artigo:

A vontade, para Agostinho, deveria tender, de acordo com sua natureza, ao Bem supremo, mas como existem muitos bens criados e finitos, por vezes, ela pode vir a tender a eles, assim invertendo a ordem hierárquica, preferindo a criatura ao Criador, fazendo, desta forma, sua opção pelos bens inferiores em vez dos bens superiores. Logo, o mal só pode ser entendido como a corrupção de uma das perfeições na natureza. (ADRIANE, 2011, p. 179)

Como se vê na citação acima do Bem supremo se deriva as criaturas e coisas que são boas, mas finitas e de menor valor de hierarquia e assim dentro do livre-arbítrio, o homem vai fazendo escolhas que corrompem aquilo que deveria ser bom, ou melhor, o estado mais perfeito de sua condição como o mesmo artigo vai confirmar.

Neste sentido, se as ações dos homens não são sempre o que deveriam ser, sua vontade é a responsável por isso. De acordo com Agostinho, o homem escolhe livremente suas decisões, e é por ser livre que é capaz

de fazer mal. (ADRIANE, 2011, p. 178)

Percebe-se de forma mais clara a ideia de que o mal é de fato a corrupção do bem, aquilo que outrora era bom e belo, por ser corrompida se torna má, por mais que sua natureza seja boa, dentro desta perspectiva, é válido lembrar que as naturezas podem ter graus de perfeição diferentes, ou seja ordens de excelência diferente, podendo causar até mesmo um estranhamento em relação a comparações, no qual uma natureza corrompida poder ser ainda melhor que uma incorrupta, como vai no dizer apropriada obra a natureza do bem:

Pode ocorrer que alguma natureza que tenha sido ordenada de maneira mais excelente quanto ao modo e beleza naturais, embora corrompida, seja ainda melhor que outra natureza incorrupta que tenha sido ordenada com grau inferior de modo e beleza naturais. (AGOSTINHO, 2019, p.24)

Por fim, para resolver o problema do mal Agostinho sugere que a natureza essencialmente boa, mesmo podendo ser afetada pela corrupção. Agostinho tem como a centro da sua explicação a questão da corrupção, que embora possa tornar a natureza "menos boa", não pode transformá-la em algo totalmente corrupto. Sendo assim, como a natureza é boa em sua essência, mesmo sofrendo as diminuições de bondade devido resultantes da corrupção, ela não se torna fundamentalmente má.

Toda natureza (natura) que pode tornar-se menos boa, todavia, é boa. De fato, ou bem a corrupção não lhe é nociva, e nesse caso ela é incorruptível; ou bem, a corrupção atinge-a e então ela é corruptível. Vem a perder a sua perfeição e torna-se menos boa. Caso a corrupção a privar totalmente de todo bem, o que dela restará não poderá mais se corromper, não tendo mais bem algum cuja corrupção a possa atingir e, assim, prejudicá-la. Por outro lado, aquilo que a corrupção não pode prejudicar também não pode se corromper, e assim esse ser será incorruptível. Pois eis algo totalmente absurdo: uma natureza tornar-se incorruptível por sua própria corrupção.

Por isso se diz, com absoluta verdade, que toda natureza enquanto tal é boa. Mas se ela for incorruptível será melhor do que a corruptível. E se ela for corruptível -já que a corrupção não pode atingi-la senão tornando-a menos boa, ela é indubitavelmente boa. Ora, toda natureza ou é corruptível ou incorruptível. Portanto, toda natureza é boa. (AGOSTINHO, 1995, p.191)

4.2.2 A matéria não é má em si

Outro termo que se mostra relevante é a da "hyle" que é a base para o trabalhar humano, embora não seja criação dele. É a partir dela que a realidade é moldada e construída pelo homem. Este termo está diretamente vinculado a matéria informe de Aristóteles. (AGOSTINHO, 2019)

A matéria (hyle) é, sem sombra de dúvidas, um princípio constitutivo das realidades sensíveis, pois funciona como "substrato" da forma (a madeira é substrato da forma do móvel, a terracota da taça etc.). Se eliminássemos a matéria, eliminaríamos todas as coisas sensíveis. Mas a matéria per se é potencialidade indeterminada e pode atuar-se e tornar-se algo determinado somente se recebe a determinação por ação de uma forma. A matéria, portanto, é substância só impropriamente. (REALE, 2017, p.200)

Pode-se observar que a "hyle" é uma matéria completamente informe e desprovida de atributos, servindo como a substância subjacente da qual todas as qualidades percebidas se originam. Como pode-se ver em Aristóteles, bem como outros filósofos antigos, frequentemente exploraram conceitos como a "hyle" em suas investigações sobre a natureza do universo. Neste contexto, a visão dos

maniqueístas consistia em considerar a "hyle" como a criadora dos corpos. No entanto, Agostinho diverge dessa perspectiva, sustentando que apenas Deus possui a capacidade de criar corpos e que essas criações envolvem modos, espécies e ordens que são considerados intrinsecamente bons e emanam exclusivamente de Deus.

Deste modo, a hýle, embora seja uma matéria informe e sem qualidade, não deve ser considerada intrinsecamente má. Pois o problema não está em sua essência, mas sim na forma que ela está moldada, pois ao servir como a base a partir da qual as formas e qualidades emergem, pode levar ao equívoco de pensar que essa falta de forma há torna má, quando na realidade simplesmente a proporciona ser uma matéria que pode ser moldada para criar algo. Sendo assim a grande questão fica por conta de qual é a forma e o propósito que são impressos nela do que com ela própria.

Nem se deve dizer que seja um mal aquela matéria que os antigos denominavam hýle. Não me refiro àquela hyle que Mani, ignorando o que dizia, afirmava ser a formadora dos corpos, pelo que com razão se lhe atribuiu com isso ele introduz um outro deus, pois ninguém senão Deus pode formar ou criar corpos. E estes não são criados senão quando neles subsistem o modo, a espécie e a ordem, coisas estas que são boas e não podem vir senão de Deus. Acho que também os maniqueus admitem isso. (AGOSTINHO, 2019, p.32)

Neste trecho, percebe-se a crítica a Mani, que alegava a ideia da hýle como formadora dos corpos, causando em Agostinho certa repugnância, pelo fato de que isso introduzia um novo deus criador, ideia no qual Agostinho era contrário, pois, sua filosofia, bem como da grande parte da época, acreditava que somente Deus era o criador e formador dos corpos, ou seja, o mundo era ordenado por um ser supremo e divino, que dele deriva todo bem e ordem, para melhor exemplificar pode-se pegar a continuidade do texto que vai dizer:

Mas denomino hýle certa matéria completamente informe e sem qualidade, da qual são formadas as qualidades que percebemos, como disseram os antigos filósofos. Daí que floresta em grego se diz também ύλη, donde se extrai matéria apta par os artífices, não para que ela faça algo, mas para que dela se faça algo. Portanto, não se deve dizer que esta hýle seja um mal, a qual não pode ser percebida por meio de alguma forma, mas que, por causada sua total privação de forma, apenas se pode imaginar. (AGOSTINHO, 2019, p.32)

Desta forma, percebe-se o plano de fundo de que a matéria é do mal, e assim também podemos entender mais uma vez a refutação de Agostinho dizendo que não é o mal e muito menos a matéria algo que nasceu predestinada a ser má, mas sim o modo ou a desordem que ela é usada que a faz parecer má. Por exemplo eu tenho duas árvores, uma é cuidada e decorada e outra entregue ao desleixo, uma vai parecer mais harmoniosa e bela, mas não porque a outra é má e feia, mas foi corrompido pelo desleixo, em contrapartida a outra foi bem cuidada, desta forma tudo foi criado bom e harmonioso, mas foi corrompido. Em uma perspectiva religiosa do qual Agostinho era inserido, podemos ter o exemplo da criação do mundo no qual tudo era bom, mas entrou o pecado, que é a corrupção daquilo que deveria ser bom (AGOSTINHO, 2019, p.36)

4.2.3 Ordem, beleza e modo

Agostinho usa de três expressões para explicar o porquê certas coisas parecem ser más, desta maneira é usado os termos mau modo, má beleza e má ordem.

Diz-se que o modo é mau, a espécie é má ou a ordem é má, seja porque são inferiores ao que deviam ser, ou porque não se adaptam às coisas às quais deviam se adaptar, de maneira que se dizem maus porque são impróprios ou inconvenientes. (AGOSTINHO, 2019, p.36)

Quando se diz "mau modo" pode-se considerar aquilo que esta ou se revela inadequado, podendo ser porque está inferior do que se esperava ou porque em meiosas circunstâncias que está inserido não está adequadamente ajustado. Desta maneira, pode-se dizer que algo é aparentemente "mau" quando não segue a devida norma ou convenção. Por exemplo, quando alguém é criticado por não agir "de bom modo," isso ocorre porque a pessoa agiu de maneira insuficiente, inadequada, ou mesmo excessiva em relação ao que era apropriado para a situação. (AGOSTINHO, 2019)

De forma semelhante, pode se dizer "má beleza" quando acontece a comparação de uma coisa com outra formosa e adequada, ou ainda quando algo é aplicado em um contexto que não se assenta e harmoniza. Por exemplo um sujeito que tem uma flor azul e a acha bonita, mas depois se depara com uma flor rosa e começa achá-la mais bonita e que combina mais com sua casa, percebe-se que ele começa achar a flor azul, que outrora achava bela, agora com uma aparência inadequada e inconveniente. Destemodo, podemos concluir que a "má beleza" não se baseia na quantidade de detalhes, mas sim na noção de decência e conveniência.

Igualmente, se diz que uma beleza é má seja em comparação com outra mais formosa e mais bela, sendo aquela uma beleza menor e esta maior, não pela quantidade de detalhes, mas pelo decoro, seja porque ela não convém à coisa à qual foi aplicada, de maneira que parece imprópria e inconveniente, como se um homem estiver passeando nu pela praça, o que não é ofensivo se é visto nu no banho. (AGOSTINHO, 2019, p.36)

Por fim, temos aquilo que se refere a "má ordem" que é quando não uma observação de maneira devida, tendo com resultado uma falta de ordem. Neste contexto, faz-se necessário pontuar primeiramente, que não é a ordem que é má, mas sim a ausência dela, tendo como dois fatores principais para que isso aconteça, que é a desorganização e a falta de adequação a circunstância.

De maneira semelhante à ordem, se diz má quando a mesma ordem é observada menos que o devido. Nesse caso, não é a ordem que é má, mas a desordem, seja porque houve menos ordem do que devia ou não foi como devia. (AGOSTINHO, 2019, p.36)

Deste modo, percebe-se que o que se faz relevante é como estes elementos estão inseridos ao contexto, e o que se refere a harmonia.

4.3 O BEM EM AGOSTINHO

Agostinho defende a perspectiva de que Deus é a fonte de todos os bens seja eles grandes ou pequenos, e além disso ele fornece elementos fundamentais para existência, a saber: modo, beleza e ordem.

Deus, do qual procedem todos os bens, quer sejam grandes quer pequenos, do qual procede todo modo, seja grande ou pequeno, do qual provém toda beleza, seja grande ou pequena; do qual se origina toda ordem, seja grande ou pequena. (AGOSTINHO, 2019, p.23)

Na visão da criação de Agostinho, ele defende que as coisas são melhores a medida que são mais belas, ordenadas e moderadas. Estas qualidades são inseridas por Deus, que fornece estes atributos tanto no que tange o físico quanto o espiritual. Deste modo, quanto mais presentes estiverem estes elementos maior será o grau

de bem associado a determinada realidade.

Portanto, Deus está acima de todo modo, acima de toda beleza, acima de toda ordem da criatura. Ele está acima de tudo isso não no conceito de espaços e lugares, mas pelo seu poder inefável e singular, do qual procede todo modo, toda beleza, toda ordem. Onde essas três coisas existem em elevado grau de bondade, existem grandes bens; onde existem em pequeno grau de bondade, existem pequenos bens; onde não existem, não há bem algum. (AGOSTINHO, 2019, p.23)

Por fim, concluímos que a natureza do bem, é Deus, que é o sumo bem, e não há outro bem superior, e este bem é verdadeiramente imutável, eterno e imortal e tudo deriva dele, sendo assim mais uma vez confirmada a posição de Agostinho contrária a ideia de que o mal possui uma criação diferente do bem. Sendo assim pode-se confirmar que além do bem e do mal não serem algo ontologicamente diferentes, e válido confirmar que o mal não foi criado, mas como mencionado antes, ele vem de uma corrupção do bem. Além disso, faz-se necessário dizer que embora todo bem derive de Deus, as criaturas não possuem sua mesma natureza, isto é, aquilo feito por ele não é o que ele é. Desta maneira, Deus é a causa de todas as coisas, o Criador do universo e de todos os seres vivos tendo sua natureza caracterizada pela perfeição, e todos os outros bens têm sua origem nele, mas não compartilham da mesma natureza divina perfeita. Em outras palavras, todas as coisas criadas são derivadas de Deus, mas não são Deus em si. (AGOSTINHO, 2019, p. 21)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tudo o que foi apresentado permite concluir como Agostinho supera a ideia de uma dualidade entre bem e mal, que havia sido apresentada pelos maniqueístas. O hiponense tem como base a busca por uma unidade do universo, inspirando-se em Plotino. No quadro maniqueísta havia dois princípios ontologicamente diferentes e originários, luz e trevas, ou se deveria recorrer a ideia de que Deus contém o mal em si. Conforme aprendera com o cristianismo, Agostinho reafirma a unidade do Deus criador e a sua bondade.

Como minha alma não ousava desgosta-se do meu Deus, recusava considerar como obra sua tudo o que não lhe agradava, lançou-se então na teoria das duas substâncias, mas não encontrava paz, e usava somente a linguagem alheia. Em seguida, abandonando essa ideia minha alma construiu para si a figura de um Deus que se difundia pelos espaços infinitos, imaginando que eras tu. (AGOSTINHO, 1997, p.193)

Portanto, através deste trabalho foram indicados os principais pontos de inquietação de Agostinho em relação a filosofia maniqueísta e como por influência neoplatônica ele inaugura um novo modo de ver o mal, que não é uma substância, mas uma privação do bem em compatibilidade com a doutrina do Deus criador.

Portanto, todas as coisas são boas, pelo fato de existirem, são boas. E aquele mal, cuja origem eu procurava, não é uma substância. Porque se fosse seria um bem. (AGOSTINHO, 1997, p.192)

É nesse sentido que se pretende dizer que a natureza das coisas é intrinsecamente boa, e que o mal se dá quando a ordem, beleza e modo estão corrompidas, superando a visão maniqueísta da dualidade ontológica entre bem e mal. Na sua resolução filosófica Agostinho recebe a influência neoplatônica e a supera no quadro cristão. Assim, é possível dizer que o neoplatonismo, mais precisamente Plotino, já continha desdobramentos que mais tarde seriam aprofundados por Agostinho.

Deus é o sumo bem, acima do qual não existe outro bem superior, é o

bem imutável e, por isso, é verdadeiramente eterno e imortal. Todos os outros bens têm origem nele, mas não são da sua mesma natureza. (AGOSTINHO, 2019, p.21)

Enfim, coube a Agostinho o desenvolvimento sobre a natureza do Bem, cujo cume é Deus como sumo bem, e o reflexo deste sumo bem na ordem, harmonia, beleza e modo. Agostinho com o seu escrito *A natureza do bem*, faz uma defesa de Deus como sumo bem e que todas coisas derivam dele e são em sua essência boas, superando o dualismo maniqueísta, e valendo-se da contribuição do neoplatonismo sobre o mal transfigurando-a em chave cristã.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Patrística: A natureza do bem**. São Paulo: Paulus, 2019.

AGOSTINHO, Santo. **Patrística: Confissões**. São Paulo:Paulus,1997.

AGOSTINHO, Santo. **Patrística: O livre-arbítrio**. São Paulo:Paulus,1995.

BATAGLION, Eloi. **O mal como privação do bem: A refutação de Santo Agostinho ao Maniqueísmo**. São Paulo: Paulus, 2018.

BROWN, Peter Robert Lamont. **Santo Agostinho uma biografia**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CARVALHO, Mário. **Santo Agostinho a natureza do bem: introdução, tradução e notas de Mário a. Santiago de Carvalho**. Porto, Fundação Eng. Antônio de Almeida,1992.

GILSON,Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, São Paulo,Paulus,2010.

LIMA, R. DE. O Maniqueísmo: o Bem, o Mal e seus efeitos ontem e hoje. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 1, n. 07, 27 out. 2017.

MACHADO, Adriane da Silva. **Mal moral: aspectos de aproximação entre Agostinho**, 2014.

PIZZINGA, Rodolfo Domenico, **Zoroastrismo: O Pensamento de Zarathustra**,2015. Disponível em:
<<http://paxprofundis.org/livros/zarathustra/zarathustra.htm>> Acesso em:04 nov.2023.

REALE, Giovanni, **Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. São Paulo,Paulus,2017.

SILVA, Fagner Veloso da. **O problema do mal livro VII das confissões de Santo Agostinho**. 2016. 120 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

ULLMANN, R. A. **A PROCESSÃO EM PLOTINO**. Veritas (Porto Alegre), [S. l.], v. 40, n. 158, p. 157–164, 1995. DOI: 10.15448/1984-6746.1995.158.35952.
Disponível em:
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/veritas/article/view/35952>. Acesso em: 8 nov.